

Eu, Mark





# Eu, Mark

M. Nox

Autor: M. Nox

Design da capa: ©PRYSM/©M. Nox 2026

ISBN: 9789403901602

©M. Nox 2026

Para todos aqueles que  
têm uma sombra que os observa...



Olá a todos,

O meu nome é Mark e venho contar-vos a minha história.

Não é uma daquelas histórias em que tudo acaba bem e todos ficam felizes para sempre.

Esta história tem medo, morte, desespero e ambições que nunca se concretizam. Coisas capazes de transformar a mente de quem as vive numa das piores prisões imagináveis. Uma cela sem paredes, que sufoca sem tocar e imobiliza sem um único fio...

Uma história que demora anos a ser compreendida, uma mágoa que talvez nunca se curará.

Um conto que tentarei contar-vos da única forma que ainda consigo.

Não espero que gostem. Contos destes não são para serem gostados nem apreciados, mas sim temidos.

Apesar de tudo, espero que a minha história vos deixe uma certeza: há coisas que não desaparecem quando deixamos de olhar para elas.

Sempre vosso e sempre aqui,  
Mark.



## I. O Silêncio Não É Paz

Há um momento antes do desespero.

Um instante pequeno, quase imperceptível, em que tudo ainda poderia ser diferente.

Eu lembro-me desse momento.

Na altura, não lhe dei importância. Quem dá? A vida é feita de pequenos instantes que ignoramos. Até que se tornam o início daquilo que nos destrói.

Era uma manhã normal, ou pelo menos parecia. A luz entrava pela janela com a mesma frieza de todos os dias, cortando o quarto em linhas perfeitas. O pó suspenso no ar dançava sem rumo, indiferente ao que viria a acontecer.

Levantei-me da cama com aquele peso habitual no peito. Não era dor. Ainda não. Era mais como uma presença. Algo que cresce, silencioso, dentro de nós.

Naquela altura, eu ainda acreditava que era apenas cansaço.

Enganei-me.

O espelho foi o primeiro a acusar-me.

Parecia o mesmo de sempre, mas havia algo errado naquilo que reflectia. Os meus olhos... estavam vazios. Não era tristeza. Isso eu entenderia. Estavam... distantes. Como se já não me pertencessem totalmente.

Passsei a mão pelo rosto, tentando afastar aquela sensação ridícula. Dei uma pequena gargalhada.

“Preciso de dormir mais...” murmurei.

Mais tarde percebi que aquele foi o primeiro dia em que comecei a mentir a mim próprio.

Saí de casa sem pensar muito. As ruas estavam cheias de gente. Pessoas a falar, a rir, a viver. Sempre me perguntei como conseguiam. Como continuavam, mesmo sem saber... ou talvez sabendo... e escolhendo simplesmente ignorar.

Na altura eu ainda não sabia.

Mas sentia.

A caminho do trabalho, comecei a notar os sons.

Pequenos detalhes que antes passavam despercebidos: passos atrás de mim que não coincidiam com ninguém, sussurros abafados entre o ruído dos carros, aquela sensação constante de estar a ser observado.

Olhei para trás. Nada.

Claro que não estava lá nada.

Nunca está. Não no início.

O dia passou arrastado. Não aconteceu nada de extraordinário. E isso, hoje, parece-me irónico.

Talvez porque as piores histórias não começam com explosões, nem com tragédias evidentes..., começam devagar, quase com delicadeza.

Foi só ao final da tarde que aconteceu algo... diferente.

Recebi uma mensagem.

Um número desconhecido.

Sem nome, sem identificação, apenas uma frase:

*“Tu sentes, não sentes?”*

Fiquei a olhar para o ecrã durante mais tempo do que gostaria de admitir.

A primeira reacção foi pena: mais um daqueles erros, alguém a enviar para o número errado.

Mas não era.

Porque, no fundo, eu sabia.

Apaguei a mensagem, bloqueei o número e continuei o meu dia.

Era o que qualquer pessoa normal faria.

Só que eu já não era uma pessoa normal.

Nessa noite, não consegui dormir.

A casa estava demasiado... silenciosa. Não aquele silêncio confortável, mas um vazio pesado, como se o ar tivesse ficado espesso. Cada som mínimo parecia amplificado: a madeira a estalar, o vento contra a janela, até o bater do meu próprio coração.

E foi então que ouvi.

Um suspiro.

Não meu.

Levantei-me lentamente. O chão frio fez-me hesitar, como se o próprio corpo estivesse a tentar impedir-me de avançar.

“Está alguém aí?” perguntei.

A minha voz não soou como minha.

Nenhuma resposta.

Claro.

Aproximei-me da porta do quarto.

Cada passo parecia ecoar demasiado, como se estivesse a anunciar a minha presença a algo que já sabia exactamente onde eu estava.